

Levantamento da Pessoa Coletiva

Levantamento das 9 Máscaras

Desconsideração da Personalidade Jurídica da Jupiter Editions

Jupiter Editions – Uma História de Amor entre R., um Jurista-Escritor que Escreveu 9 livros ao mesmo tempo e D.K., um Médico-Pintor-Pianista que desenhou as 9 Capas dos livros que o seu namorado escreveu.

R. & D.K. com os livros nas mãos decidiram fundar a Jupiter Editions e abrir online a lojinha. www.jupitereditions.com

Estou a escrever como um zombie. Sou um morcego. Estou a madrugar. Tive de sair da cama sem o D.K. se aperceber. O D.K. já acordou e chamou-me “baby” com a sua voz rouca de sono que eu adoro. Num silencioso risinho lá tive de voltar para a cama. Perguntou-me onde é que eu tinha ido. Disse que tinha só ido ver a Ursa Maior. Perguntou-me se eu estava a trabalhar, a escrever. Tive de mentir: disse que não. Lá adormeceu. Tive de me soltar muito devagarinho dos braços dele e muito silenciosamente voltar para o computador. Prometi ao D.K. que não saía mais da cama a meio da noite para escrever. Mas fiz figas. Espero que nem nos sonhos do D.K. apareçam as minhas figas... É à noite que eu gosto de escrever. É de madrugada que o meu cérebro gosta de trabalhar. Gosto de escrever com o céu estrelado. Gosto de escrever com a Ursa Maior por cima de mim. O D.K. é médico, simplesmente preocupa-se com os meus ciclos de sono. Mas eu não sou médico, sou escritor. E estou preocupado com a minha escrita. Tenho de deixar coisas escritas antes de morrer. Vou morrer espiritualmente. Vão matar-me. Querem matar-me. Querem abater-me. Querem matar os meus 9 espíritos de autor. Não tenho medo de morrer. Posso morrer. Todos os dias morro e todos os dias volto a nascer. Sei que sou eterno. Nasci para eternizar a minha escrita. Nasci para eternizar o meu espírito. Não podia morrer sem deixar escrito O Meu Último Legado de Escrita. Não podia morrer sem escrever o que vou escrever.

[13h07] Não sei quanto tempo de vida tenho. Não sei quanto tempo de escrita terei. [15h39] Vou manter alguns nomes de spots e de personagens dos livros, dos filmes e dos jogos da Jupiter Editions. São referências. Tenho de seguir os *Illuminnatti Games* neste documentário em tempo real. Os *Illuminnatti Games* mandam-me desmascarar algumas personagens. Mandam-me tirar várias máscaras. Mandam-me logo a mim tirar as máscaras. Mandam tirar a máscara ao Inho, à Razão, ao D.K.... Escondi a personagem do D.K. 9 vezes. N’O *Algoritmo do Amor*, construí a personagem do Frederick von Der Maase sempre com o D.K. na minha cabeça. Foi por isso que escrevi na sinopse que *O Algoritmo do Amor* era um romance baseado na história verídica do autor, no meu namoro. Mas a sinopse tornou-se numa mentira, porque escrevi uma grande verdade dentro de uma pequena mentira. Só que uma pequena mentira tornou-se grande. Construí a personagem do Mathias von Der Maase a partir da personalidade invertida de um amigo que me mostrou o mundo da Opus Deis, da Juventude Monárquica e do partido cristão-social-democrata. O Afonso Côrte-Real, o Domingos Bayamonde e o Manel Ducado foram construídos a partir dos meus melhores amigos, o Inho, o P.R. e o M.L. N’O *Algoritmo do Amor* “somos” todos primos. Mas

na vida real somos só amigos. Somos amigos-irmãos, como se fôssemos primos, porque somos uma família. O Jaime era eu. O Jaime seria eu. Mas já não sou mais o Jaime. Separei-me do Jaime desde que uma “maçonaria dos diabos” enviou *O Algoritmo do Amor* para a Ilha dos Piratas. Sem querer, e foi tudo sem querer, todas as personagens que eu criei “ganharam vida”. Nada disto era suposto. Não foi isto que eu previ. Mas quando criamos coisas, quando inventamos histórias, fantasias, mentiras, elas acabam por evoluir. Desenvolvem-se.

Fui chamado como salva-vidas para a Ilha dos Piratas. No posto de vigia de salva-vidas escrevi um fantástico clandestino Diário de Salva-Vidas. Clandestino, porque escrevi nas horas em que não podia escrever. Assinei na Ilha dos Piratas um Contrato de Trabalho de Salva-Vidas para vigiar os 100 metros da Praia dos Camaleões que a Câmara Municipal da Villa dos Piratas concessionou à empresa do Capitão Yco. Um salva-vidas tem de estar a vigiar, não pode estar a escrever... Só que na concessão do Capitão, os camaleões não iam à água... Ficavam a espreguiçar... E na preguiça dos camaleões eu aproveitava e escrevia...

A empresa do Capitão é o barco que o Capitão tem atracado em cima do areal da Praia dos Camaleões. Sei que posso falar do barco, porque o barco é “invisível” e a qualquer momento o “submarino” pode afundar sem afundar e sem dar cana. Os submarinos são tubarões. São silenciosos. Silenciosamente nadam com os tubarões. Aprendi a nadar com os tubarões no submarino do Capitão em horas ocultas. Mas tive antes um duro treino. Fui treinado primeiro pelos lobos-marinhos na Praia dos Bodyboarders. Não foi à toa que fui chamado como salva-vidas para a Ilha dos Piratas. Não foi à toa que o Capitão tolerou o meu espírito dentro do seu submarino nas profundezas dos segredos do mar em alta pressão... Mesmo nas calmas ondas da Praia dos Camaleões tive sobre alta pressão. A minha escrita é um produto de alta pressão. Fui pressionado para escrever. Fui obrigado a escrever, apesar de ter sido proibido de escrever. De um lado uma proibição. Do outro lado uma pressão. Uma Mão Invisível que me proíbe de escrever. Outra Mão Invisível que me pressiona para escrever o que a Mão Invisível me proíbe de escrever. Um Jogo de Mãos Invisíveis. Eu não vejo o Invisível. Só vejo o que é Visível aos Olhos Humanos. Só alguns olhos é que conseguem ver o barco. Só alguns olhos é que conseguem ver o número 666 na bandeira do barco do Capitão. Só alguns olhos é que conseguem ver a marca d’água da Caveira Sagrada na bandeira do barco. O Invisível não me perturba. Nada me perturba.

Fui salva-vidas na Ilha dos Piratas no verão de 2021, mas visitei a Ilha dos Piratas no verão de 2020 quando estava a trabalhar como salva-vidas na Praia das Lontras na Ilha do Arroz, na Rota de Escravatura do Arroz, uma rota literária obrigatória da Jupiter Editions que as Sagradas Rotas do Mapa do Tesouro da Ilha dos Piratas mandam fazer nos *Illuminnatti Games* a Marcha do Sal e do Arroz em 66km num tributo a Ghandi. Os *Illuminnatti Games* mandam dizer, no seu terceiro livro (terceira parte), *Dark Code*, que a Rota de Escravatura do Arroz passa-se na Herdade da Comporta e na Herdade da Comporta Sociedade Anónima. Para todos os efeitos, de forma a conjugar-se o *Dark Code* com o *Silence Code*, há duas herdades da comporta em Portugal. Fui salva-vidas na praia que a senhora Herdade da Comporta Sociedade Anónima, que se dá imenso com a senhora Igreja Católica de Portugal, para além de ser dona de toda a Comporta na sua Atividade Económica geral de atividades agrícolas, era também dona das praias e dos parques de estacionamento das praias com o preço de 5€, privatizando assim as praias em Portugal, como também fechando o acesso a outras praias, pelo bonito arrozal, com Códigos Secretos só para os proprietários e amigos dos proprietários e amigos dos filhos dos proprietários e para os

estrangeiros que têm guita para pagar o estúpido preço do aluguel das casas dos proprietários que fogem numa fuga normal ao fisco. É tudo na boa. Está tudo bem, estamos em Portugal.

Estou só a avançar um peão no Tabuleiro de Xadrez dos *Illuminnatti Games*. Estou a ser obrigado. Puseram a Herdade da Comporta Sociedade Anónima a jogar contra a Jupiter Editions e contra a Jupiter Sociedade Por Quotas de Responsabilidade Limitada. Ora, a nossa responsabilidade pelas palavras escritas é limitada. Assim como a Herdade da Comporta Sociedade Anónima pode escravizar, pode abater árvores para construir merdas de casas em dunas ultrapassando não faço ideia como todo um ordenamento jurídico e ainda pode fechar praias públicas com Códigos Secretos e com cancelas nos parques de estacionamento que ganhou nos concursos públicos com a sua atividade de agricultura, eu também me posso virar para o meu namorado, que é meu sócio e dizer-lhe “amor, bora pôr mais uma atividade secundária económica na Jupiter para podermos concorrer aos concursos públicos dos parques de estacionamento para abrimos as cancelas do parque de estacionamento e cobrarmos, por exemplo, só 66 cêntimos e não os 5 euros dos cabrões que a brincar, a brincar ficaram com 3 parques de estacionamento em 3 praias seguidas da Herdade da Comporta.

[Os cabrões – e não faz mal nenhum estar a chamar-lhes cabrões que os gajos até gostam que lhes chame este nome, porque isto excita-lhes, e excita-lhes e bem, sobretudo aos filhos e aos amigos dos filhos com quem fui para a cama antes do D.K. aparecer na minha vida – só com os 3 parques de estacionamento conseguiram totalizar 666 lugares, que eu tive de contá-los num Jogo Maçónico de Salva-Vidas. Ora, só com estes 3 parques de estacionamento, os cabrões conseguiram um Passaporte Para a Eternidade, porque conseguiram entrar em vantagem em todos os outros concursos públicos lançados pelas criminosas câmaras municipais com cabrões a meterem só dinheiro aos bolsos e que paus-mandados destes cabrões decidiram por obra do Espírito Santo inventar a merda do requisito que para ganhar o concurso de milionários parques de estacionamento em Lisboa, Oeiras e Cascais as empresas concorrentes tinham de ter pelo menos 666 lugares... Que engraçado, não é? Que Portugal tão fixe... Que Concursos Públicos Maravilhosos.... Eu estou fortemente a criticar e a solicitar ao Ministério Público que abra uma grande investigação aos concursos públicos em Portugal que estragam esta merda toda e deixam de fora as empresas fixes que apesar de serem editoras-realizadoras-produtoras também sabem como gerir a merda de um parque de estacionamento, que não tem ciência absolutamente nenhuma e que conseguem aproveitar melhor o Parque de Diversões, porque com ele vão pagar ordenados de felicidade aos porteiros do Parque de Diversões e vão fazer *sketchs* em cima do alcatrão aproveitando todo o alcatrão. Eu quero escrever descalço em cima do alcatrão quente. Quero ser porteiro. Mas quero ser porteiro do meu Parque de Diversões. E numa diversão minha quero escrever às escondidas e ser monitorizado em Tempo Real pela minha editora, que é a Jupiter Editions. Foi por isso que a Jupiter, pela Mão Invisível e pelos olhos da Jupiter Editions incluiu como atividade secundária todos os tipos de parques].

[Eu não brinco em serviço. Eu estou ao serviço de uma Sofisticada Sociedade de Informação Inteligente. Escrevi n’Os *Autores do Sistema* a bronca camuflada num romântico relato de salva-vidas. Escrevi também sobre as merdas muito camufladas n’O *Algoritmo do Amor*. Tive o cuidado de o fazer. Mas eu emiti ameaças. Disse que para ficar calado tinham de me devolver os meus dados. Ficaram com os meus dados de imagem. Filmaram-me num ilegal filme da vida real. A mim filmaram-me vestido de salva-vidas. Queriam meter uma câmara de filmar dentro da cozinha dos 6 salva-vidas. Eu disse que não e disse para irem ver o meu curriculum. Lá foram ver e desistiram da ideia. Queriam depois pôr uma câmara de

vigilância dentro do nosso posto de vigia... Eu voltei a dizer que não... Levantei só as minhas sobranceiras... Parece que viram “os meus cornos a crescerem”... Olharam para mim como se eu fosse “um Diabo”... Desistiram da ideia... Mas conseguiram bancar os meus filmes lá nos restaurantezinhos deles cheios de câmaras à beira-mar... Os restaurantezinhos deles mais parecem um banco de imagens... Pertencem à máfia da bronca do banco Bes... Mas agora são um Novo Banco... É claro que se o Novo Banco financiar a Jupiter Editions, nós cortamos o parágrafo... Eu corto. Eu próprio corto. Foi um dos afilhados deles que me ocultou o apelido e me ensinou a fazer Corte e Costura. Mandou-me fechar os olhos e meteu-me a pila na boca. Só depois de tudo, de todo o romantismo, é que bazonou e a rir-se disse-me o apelido. É verdade que eu assinei um contrato de trabalho. Mas eu não vi o apelido. E só, por coincidência, porque isto é sempre tudo uma grande coincidência, quando eu já tinha chegado a casa depois do verão na Praia das Lontras, um jornalista hackeou-me e enviou-me uma notícia, que havia pessoal vindo do Sri Lanka e do Bangladesh a trabalharem nos arrozais da Herdade da Comporta como escravos a viverem em condições precárias... E não sei porquê, mas lá fui agarrar no meu Contrato de Trabalho de Salva-Vidas e vi que o concessionário da Praia das Lontras era um Espírito Santo.

O pessoal que trabalhava nos arrozais da Herdade da Comporta como escravos eram também enfiados no anexozinho em beliches com o pessoal do staff que trabalhava no restaurante que tinha a concessão da Praia da Lontras. Lembro-me do João, uma personagem, as lontras estavam sempre a gozar com ele, que comentava connosco que não percebia o porquê do pessoal que trabalhava todo no restaurante era ou do Sri Lanka ou do Bangladesh... Ele dizia que era estranho e que parecia “obra do Diabo”... O João era mesmo muito engraçado. Eu gostava dele. O João era inocente. Tinha, pelo menos, o ar inocente. Os salva-vidas, apesar de trabalharem e comerem no restaurante dos diabos, porque quem tinha a concessão da Praia das Lontras eram os donos do restaurante, não dormiam com o staff nem apanhavam as tarefas do staff. Há uma importante referência nas obras da Jupiter Editions que liga este documentário da fantasia à realidade que já foi escrita e que penso que está publicada online no site num dos demos... Os salva-vidas são “privilegiados”... Os salva-vidas são e têm de ser sempre os piratas com os facalhões que mandam no filme da praia. São os salva-vidas que decidem como é que o filme vai ser. Não são os concessionários. Porque se os salva-vidas saltarem do barco, o concessionário sem salva-vidas tem de afundar o barco, tem de fechar a praia, perde a licença, perde a concessão, perde a clientela de verão no restaurantezinho milionário cheio de câmaras de filmas que passam um filme dos diabos e que rende um dinheirão dos diabos no mercado negro dos diabos que seguram uma pandemia dos diabos. É tudo dos diabos. Este documentário, mais parece um filme dos diabos. Mas parece, porque parece que me meteram a jogar um xadrezinho com os diabos.

Estamos a falar de uma praia em que cada colmo, cada sombra, cada caminha na praia custa 35€ e eles tinham cerca de 250 colmos em que em junho, julho e agosto os colmos estavam sempre em cheios. Ora, eu vi isto com os meus olhos. Fiz contas rápidas, toda a gente sabe fazer. Mas o dono do negócio estava sempre metido no Excel todos os dias, a fazer as contas à vida... Nem num contabilista confiava... Isto é gente doida... Isto é um teatro de doidos... Puseram-me num teatro de gente doida... Gente que não interessa a ninguém... Só num dia os gajos conseguiam pagar os nossos míseros ordenados de 1000€. Nós, salva-vidas, “faturávamos” 1 milhão... Nós segurávamos a vida, num verão, de 1 milhão de saloios armados em gente fina e gente sofisticada que de sofisticado nada tinham. Tudo num teatro. Nem nos cumprimentavam. Nem sabiam os nossos nomes. Nem diziam olá. Punham os filhos deles à nossa guarda como se fôssemos baby-sitters, mas depois nem

um “obrigado”. Vão para o caralho! Nem chiques sabiam ser! Chique sou eu! Que sei escrever! Ao menos, sei escrever e sei contar as coisas. Eu é que sou chique! No meio daquela gente toda empoleirada, eu era chique a valer! Mas era chique a valer só no meu pensamento... Como é lógico... Como é óbvio... Ora, de lucro, só com a merdinha das caminhas na praia estes gajos tinham um lucro de 700 mil €, numa concessão de praia em que tinham 6 salva-vidas e no final do verão cada salva-vidas levava para casa 4 mil €... Mas isto faz algum sentido? É que das 3 uma: ou dão as praias à Jupiter Editons, porque a Jupiter Editons quer pagar ordenados de felicidade aos salva-vidas dividindo o lucro da concessão de praia com os salva-vidas que são quem segura o lucro; ou acaba-se a maminha das praias e acaba-se esta merda das concessões e abrimos uma profissão como deve de ser de salva-vidas em Portugal a receber no mínimo 3 mil líquidos tal como os polícias, bombeiros e médicos, ou então talvez fosse boa ideia serem os próprios salva-vidas a poderem concorrer às concessões e cobrarem diretamente as camas. Porque é isto que faz sentido!

Mas estamos só a falar ainda do lucro das caminhas, falta o lucro dos parques de estacionamento o lucro diário do restaurante que o staff dizia-nos que de lucro limpos era sempre no mínimo 5 mil €... [Continua... Parte do filme-documentário em construção...]

Sei que o meu peão vai ser comido por um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke. ravatura com os meus próprios olhos. Vi que aquilo que foi escrito na História de Portugal ainda estava vivo, bem vivo, a cores. E comecei por isso a desenvolver muita escrita. Escrevi muito. Fiquei stressado com o que vi e com o que já tinha visto no verão passado na Ilha de Porto Santo. Eu achava que vivíamos num mundo cor-de-rosa, porque eu vejo o mundo cor-de-rosa. Achava que um rececionista ou um empregado de mesa que trabalhasse num hotel do grupo Pestana, enfim, era feliz, não era um prisioneiro, tinha um dinheiro fixe, podia viajar, podia chegar feliz a casa... Porque estávamos a falar do grupo Pestana... Tão conceituado e tal... Mas vi precisamente o contrário. Vi que se eu andasse a cagar milhões, eu nunca mas nunca os ia cagar para as retretes dos hoteizinhos do grupo Pestana... Porque quem ia limpar as minhas cagadas era alguém que recebia o ordenado mínimo e era tratado pelo hotel como se fosse um objeto, um escravo. Não gosto destes grupos de hotéis e não percebo como é que eu tenho um governo de merda, um governo socialista de merda que não é capaz de fazer nada, só porque se senta à mesa “com os grandes” em grandes almoçadas e jantaradas pseudo-maçónicas. Odeio pseudo-maçonarias! Odeio gente de merda! Odeio grupos de merda! Odeio bancos de merda que financiam esta merda e são parceiros destes merdas de merda! Odeio-os! Vou enviá-los a todos para o meu jogo do 666. A todos. Vou enviá-los para um labirinto sem saída. Quem pratica escravatura, quem fomenta escravatura, quem patrocina escravatura vai arder no Inferno. Vai arder e bem! A sorte é que o Inferno não existe. É tudo metafórico. Espero não ter sido muito agressivo. Só precisava de libertar isto. Tinha raiva acumulada. Se este meu parágrafo arder, já sabemos que foi o grupo Pestana que veio negociar comigo e deixou de praticar escravatura. Um grupo que fatura milhões e paga merdas de ordenado??? Acorda, Direito! Acorda, caralho! Ou eu vou foder-te a doutrina toda! Toda, caralho! Toda!

É muito fácil uma empresa cair. É muito fácil um grupo cair. É só sermos inteligentes e não entrarmos nas merdas dos hotéis e dos restaurantes de luxo deles. É fácil. Não é difícil. Os hotéis e os restaurantes de luxo deles estão cheios de câmaras. Enviam os estúpidos para um mercado de dados que vale tanto como o petróleo e que os faz “aguentar” a pandemia de ideias. Gozam connosco. Chamam-nos macacos, chamam-nos ovelhas. E nós deixamos??

Agora metem o número 66, o número 666, metem um tridente, metem uma figura com cornos à entrada e ficam à espera que os diabos entrem? Brincam com a simbologia das coisas, porque sabem que a simbologia mexe com os estúpidos cérebros humanos. Brincam com os cérebros humanos. Vejo estúpidos, não tenho outro nome para estes, a lutarem pelos direitos humanos mas depois a irem gastar a merda do ordenado todo numa semana em que se embebedam com tudo incluído e nem se lembram das traições que cometeram e esquecem-se que o hotel e os donos do hotel vão contra todos os direitos humanos, contra todos os direitos dos animais e contra todos os direitos do ambiente. E depois metem-me algemas e metem-me nestes filmes com eles. E depois querem que eu dance com psicólogos numa sala cheia de câmaras em que não posso parar de dançar? Foda-se!!!!!!!!!!!! Mas quantas vezes é que eu tenho de dizer que não quero dançar à frente de câmaras em que não sou eu que controlo as minhas imagens? Dizem que estão cansados da minha conversa sobre as câmaras? Então vão-se embora! Desapareçam da minha vida! Juntem-se aos diabos e sejam muito felizes com eles todos! Vão-se embora! Porque é que me convidam? Não querem passar vergonhas comigo, então parem de ser meus amigos! Não me devem nada nem eu vos devo rigorosamente nada! Vão à vossa vida, que eu vou à minha! Talvez estejamos em blocos opostos! [Continua... Parte do documentário em construção...] Eu paro e mando os psicólogos que adoram esta merda todos para o caralho! Usam-nos como iscos. São tipo pescadores. Andei com os pescadores, com os verdadeiros pescadores na Ilha dos Piratas que me ensinaram a usar a cana e a pescar estas merdas. Andei com o Capitão. O Capitão tratou-me como um filho. Disse-me muitas coisas só com o pensamento. Nunca falou. O Capitão nunca infringiu o suposto Código do Silêncio invisível. Tive de ser inteligente para entender a linguagem gestual, o teatro sem som, o absurdo silêncio. Foi um duro Processo Mental. Vi o tipo de clientes que iam ao barco. Aprendi com esse tipo de clientes. Percebi o tipo de clientes. Vi clientes fixos e clientes menos fixos.

Fui convidado na Ilha dos Piratas para entrar secretamente nos *Illuminnatti Games*. Sem querer a Jupiter Editions ganhou duas novas marcas: Ilha dos Piratas e *Illuminnatti Games*. A minha escrita é clandestina. Escrevo sempre às escondidas. Fui proibido de escrever. Estou proibido de escrever. Estou a escrever fora do programa. Meteram-me em programas, trabalhos e em processos para atrasar a minha escrita... Escrevi livros proibidos. Escrevi livros onde não podia escrever. Sou clandestino. Comecei a escrever os 9 livros clandestinamente. A minha escrita é ilegal. [Continua... Parte do filme-documentário em construção...]

Houve um pequenino teatrinho maçónico que fez desencadear todo um Processo Mental em mim. Graças ao conjunto dos psicodramas que integraram o inteligente e invisível teatrinho, vi fantásticas partes do meu cérebro a serem ativadas. Foi uma experiência mental que eliminou vestígios de ideias pré-concebidas, preconceitos, filosofias religiosas institucionais e 3 fobias que eu trazia comigo. Foi como se uma invisível maçonaria me tivesse mostrado um pequenino filme, sem me mostrar, em que eu vi a vida toda corrida numa velocidade de 66 milésimos por segundo. Aprendi determinados simbolismos. Vi com uma sofisticada Psicologia, o peso mental que determinados simbolismos e figuras causam aos cérebros humanos e a toda uma Sociedade Anticientífica. Há um Código do Silêncio que me impede de desmascarar as personagens que participaram no Processo e que no fundo foram os protagonistas da minha vida. No entanto, os *Illuminnatti Games* mandam-me desmascará-los. O jogo inverteu-se. Se uma maçonaria dos diabos me tinha nas mãos, de repente, fui eu que fiquei com os diabos nas minhas mãos. Estou, por isso, autorizado pelos *Illuminnatti Games* a quebrar a qualquer momento o Código do Silêncio e a sair impune.

Vou começar a atacar. Vou começar a jogar. Vou começar a falar em algumas empresas, em alguns grupos, em algumas pseudo-maçonarias. A minha maçonaria é a melhor de todas. Maçonaria significa maçonismo, significa espiritualismo. Quando falo em maçonaria, falo em espiritualismo. O que escrevo é diferente do que falo. Falo duas línguas. A língua maçónica e a língua visível. É a minha maçonaria que está em cima de todas as maçonarias. Isto quer dizer que eu posso falar de todas as maçonarias. Porque simplesmente estou sentado de cima a ver todas as maçonarias. Odeio muitas delas. Rio-me delas! Elas fazem-me rir! São podres! Acreditam em estupidezes. Fazem idolatrias estúpidas. Montam hierarquias estúpidas. Montam obediências estúpidas que por serem estúpidas acabam em estúpidos cultos, estúpidos rituais e estúpidas orgias. Não são maçonarias a sério. São pseudo-maçonarias. São pseudo-satânicas. Querem tanto ser satânicos, querem tanto prestar culto e adoração a Satanás e nem sequer sabem que um verdadeiro satanista fala no nome de Satanás, porque não acredita em Satanás. Um verdadeiro satanista é ateu e não acredita em nada espiritual, senão na realidade humana e na natureza. A fonte da espiritualidade são as relações humanas que nos ligam uns aos outros e a própria Natureza. A espiritualidade verdadeira vai-se buscar à Natureza. Mas não se vai buscar. Quem caminha na Natureza com olhos de ver simplesmente vê os padrões, as simbologias engraçadas. Vê tudo isso em silêncio. Estuda a Química, a Físicas e as Ciências da Natureza em silêncio. E em silêncio descobre que somos infinitos átomos de Carbono e que um átomo de Carbono de 6 prótons, 6 eletrões e 6 neutrões. [Continua... Parte do filme-documentário em construção...]

A maçonaria está podre, degradada, degenerada. Meto-me com a maçonaria, porque posso meter-me com a maçonaria. Sou o espírito que todas as maçonarias querem. Sou o Diabo. Sou o abreviado número 666 capaz de se inverter a qualquer momento no infinito-divino número 999. Muitos entram em maçonarias em troca de falsas amizades porque não sabem o que é amizade. As minhas amizades estão feitas. As minhas inamizades também. Açam que eu não sou capaz de publicar isto. Mas vou publicar. O grupo Pestana é merda. [Continua... Parte do filme-documentário em construção...]

[Descobriram uma feitiçaria no meu amor com o D.K. e obrigaram-me a escrever com o papel de mago feiticeiro. Nunca quis escrever livros de feitiçaria nem livros sobre vampiros. Eu sou só um romântico. Eu queria só ficar pelos meus romances. Nem queria escrever sobre Política, nem sobre Economia, nem sobre Direito... Lá fui num disfarçado tom romântico escrevendo coisas jurídicas, coisas económicas, para dar uma vida mais Cor-de-Rosa à merda da Política e à merda do Governo que nos asfixia. Eu não escrevia com calão. Tive de ir à rua, andar com os da rua, para aprender o calão. Nasci erudito. A minha escrita sempre foi muito sofisticada, muito maçónica, muito codificada, muito complexa. Deixei-me dessas merdas, dessas paneleirices, desses afloreados e desses arranjos da linguagem. Quase que tive de tirar um mestrado para decodificar a minha própria linguagem. Tive de aprender códigos para desinstalar o programa, o software, a informática, com que uma maçonaria dos diabos me tinha instalado. [Continua... Parte do filme-documentário em construção...]

Sou um arbusto maldito. Sou a Catapúcia-do-Inferno da página 452 d'O *Algoritmo do Amor*. Sou a Figueira-do-Inferno. Dou frutos, dou figos. Cheiro a rosas. Sou feito de pétalas. Sou frágil. Sou fácil de arrancar. Mas sou uma Roseira Brava. Sou uma Roseira Cheia de Espinhos. O meu cú está cheio de espinhos. Quem me arrancar do meu jardim, vai deitar sangue. Quem me matar, vai deitar sangue. Quem me violar, vai deitar sangue, vai perder para sempre a tusa. Sou uma feitiçaria. Sou uma macumba. Quem me quis foder, perdeu a

tusa. Vinguei-me, noutra macumba, com os *Cavaleiros Tecnológicos*. Os cavaleiros apareceram todos em fila no filme da minha vida real só para me foderem o cú, o juízo e o coração e atrasarem toda a minha vida. Perdi anos de vida no Grindr. Perdi anos de vida no Tinder, por causa dos *Cavaleiros Tecnológicos*. Deixei manuais e códigos de Direito por abrir por causa dos *Cavaleiros Tecnológicos*. Faltei às aulas e chumbei cadeiras por causa do Grindr. Os *Cavaleiros Tecnológicos* hackearam-me a merda do Grindr. No Grindr era só merda. Aquilo era um nojo. Não sei como é agora, nem quero saber! Ganhei um amor que me fez sair do Grindr. Não conheci o D.K. no Grindr. O nosso amor, não é um produto do Grindr, não é nenhuma *App* de encontros gays. Vinguei-me de todos os *Cavaleiros Tecnológicos* com a minha escrita. Apareceram todos tesudos à minha frente a prometerem-me amor eterno. Depois de me foderem, perderam todos a tusa. Simplesmente vieram-se e pronto. Vieram-se e foram embora. Fui só um orgasmo na vida deles. Para muitos fui só um orgasmo, fui só um brinquedo, fui só uma aposta. Só o D.K. é que nunca perdeu a tusa comigo. Fazemos 4 anos de namoro e parece sempre o primeiro dia. Somos humanos. Somos dois homens que gostamos um do outro e que só temos olhos e tusa um para o outro. Não fodemos no primeiro dia. Mas quase que fodemos. Deixámos para depois. Só despimos as camisolas, só mostrámos os corpos quentes um ao outro, só nos roçámos no primeiro dia. O nosso amor começou numa pensão. Começámos a foder no prédio de uma pensão. Começámos a foder nas escadas do prédio de uma pensão. Não tínhamos outro sítio em Lisboa... É a Lei da Vida. É a força do Amor. É a Lei da Atração. Perdemos todos os nossos spots... Foramos tirando o spots... Começámos a namorar no andar de cima do prédio da pensão... Os andares de cima pareciam abandonados... Espreitávamos pelas fissuras das portas trancadas e estavam completamente degradado, ao abandono... Comecei a falar ao D.K. em usucapião... Em arrombarmos a porta e ocuparmos o andar, já que estava abandonado... Comecei a pensar nos anos que teríamos de ter com o Esbulho da Posse Violenta, Mas Pacífica... Fazia os cálculos de cabeça sem ver o artigo do Código Civil... Vinha das aulas de Direitos Reais... Tinha aberto o Código na aula, mas fechado assim que o D.K. aparecia à porta da faculdade a ir sempre buscar-me... Trazia-me sempre bolinhos de papoila da loja russa... Os melhores bolinhos... Em russo não sei se levavam leite de vaca ou não... Nunca me lembrei disso... Nunca perguntei ao D.K. Tenho de lhe perguntar se levam ou não leite de vaca para saber se posso voltar a comer esses bolinhos de papoila... Que saudades! Senão... Vamos só passear de mãos dadas a um campo de papoilas... [Continua... Parte do documentário em construção...]

Publicado pela primeira vez em 14/01/2021 em Jupiter Editions sem revisão, edição e carimbo, mas republicado em www.jupitereditions.com no dia 21/01/2022 com partes ocultas Todos os direitos reservados ©Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala